

Velha história em roupa nova: revisitando *Chapeuzinho Vermelho*

Ana Maria Clark Peres
Universidade Federal de Minas Gerais

O riginários de antigas lendas e mitos, e de início transmitidos oralmente de geração em geração, os contos de fadas vêm seduzindo há séculos crianças dos mais diversos países, além de constituírem objeto de estudo de inúmeros pesquisadores. Dentre os contos adaptados e registrados em livro por Charles Perrault no final do século XVII, na França, e pelos irmãos Grimm no início do século XIX, na Alemanha, há longos anos venho destacando um em especial: *Chapeuzinho Vermelho*.¹

Inicialmente, interessei-me em investigar as variadas traduções brasileiras do conto francês e também da versão alemã, tendo mais tarde procurado analisar algumas recriações livres da antiga narrativa, destinadas ou não às crianças, como a de Chico Buarque, a de Guimarães Rosa e a do teatrólogo Antunes Filho. Instigada pelo fato de a história não cessar de chamar a atenção de crianças e adultos ainda hoje, mais recentemente optei por verificar como vem se apresentando o antigo conto em suportes

¹ Vale ressaltar que “Chapeuzinho Vermelho” é, originalmente, um conto admonitório, que recebeu um tratamento literário por parte de Perrault. De acordo com estudiosos de linha francesa, ao adaptar por escrito diversas narrativas populares e orais, Perrault inaugura o “gênero literário” *conto de fadas*, o qual não necessita obrigatoriamente apresentar fadas em seu enredo. Com relação a esse “gênero”, destaque-se, por exemplo, a cuidadosa publicação dirigida por Olivier Piffault, *Il était une fois... les contes de fées*, lançada por ocasião da exposição de mesmo nome organizada pela Biblioteca Nacional da França em 2001. O site da referida exposição está disponível em <<http://expositions.bnf.fr/contes/index.htm>>.

tecnológicos atuais: CD, CD-ROM, fita VHS, DVD e *e-book*. As seguintes questões iniciais nortearam minha nova investigação: ao ser transmitida por meio desses novos suportes, a velha história da menininha que atravessa um bosque para ir visitar sua avó e no meio do caminho encontra um lobo mau, teria sofrido alterações inventivas em sua estrutura narrativa que visassem a adequá-la às especificidades das crianças contemporâneas? Ou, diferentemente, foram mantidos fielmente os enredos clássicos de Perrault e dos irmãos Grimm? A essas questões, outras se somaram no desenrolar da pesquisa, quais sejam: por que o velho conto ainda interessaria tanto o público infantil e mesmo o adulto, continuando a ser oferecido às crianças do século XXI? Que ideal de criança subjaz às produções brasileiras contemporâneas, comparado ao ideal de criança dos séculos XVII, XVIII e XIX na Europa, ocasião em que versões escritas de *Chapeuzinho Vermelho* fizeram tanto sucesso? Novos recursos tecnológicos seriam sempre capazes de provocar inovações significativas de histórias tradicionais, constituindo, de fato, um espaço de reinvenção? Buscando responder a essas questões, opto por focalizar inicialmente alguns pontos das adaptações escritas de Perrault e Grimm, que, sem dúvida, provocaram as novas versões.

Com relação ao texto de Perrault, graças a pesquisas de Paul Delarue e Marie-Louise Tenèze, podemos ter hoje uma idéia das versões orais que inspiraram o escritor francês, das quais destaco as seguintes invariantes: a menina que leva pão e leite a sua avó, a mando da mãe, não usa capuz vermelho ou de qualquer outra cor; cenas violentas se apresentam na narrativa (o animal mata a avó, despeja seu sangue numa garrafa e corta sua carne em fatias, colocando tudo em uma travessa sobre uma arca), incluindo-se aí cenas de canibalismo (o lobo sugere à menina que coma aquele “alimento” e tome aquele “vinho”, no que é prontamente atendido); ao chegar à casa da avó, a garota recebe logo um convite para tirar a roupa e se deitar na cama com o animal; o que acontece em seguida pode ser considerado um verdadeiro *strip-tease* da menina, que, após desvencilhar-se de cada peça de roupa, pergunta ao lobo onde colocá-la, escutando dele a indicação de que deve jogá-la no fogo; finalmente, uma vez deitada na cama com o animal, a menina lhe faz perguntas que refletem seu estranhamento quanto aos pêlos, os ombros, as unhas e os dentes do lobo, que acaba por comê-la após a última pergunta.²

² Cf. DARNTON, 1986, p. 21-22.

Perrault suprime os elementos mais “chocantes” dessas versões orais, por exemplo, a cena em que a criança é convidada a comer a carne e o sangue da avó. Omite, igualmente, o lento *strip-tease* da menina diante do lobo, mantendo, contudo, uma boa dose de erotismo em sua narrativa, já que Chapeuzinho, “a mais linda” de quantas já se viram, se deita, nua, na cama em que está o animal e logo faz referência a suas pernas. O objetivo do conto é, sem dúvida, alertar as crianças contra os “perigos” do sexo. Senão, vejamos a moral após o relato: que as meninas, sobretudo as mais bonitinhas, não parem para escutar estranhos, principalmente os lobos mais doces e gentis, que, dentre todos, são os mais perigosos. Não podemos nos esquecer de que, nessa época, uma nova concepção de infância começa a predominar na sociedade francesa: consideradas como seres inocentes (assexuados), ingênuos, frágeis, débeis, irracionais, as crianças vão sendo descobertas, particularizadas e isoladas do mundo adulto capaz de “corrompê-las”. É para essas crianças – para educá-las e distraí-las – que escreve Perrault (recordemos que, em sua narrativa, Chapeuzinho, além de “linda”, é também uma “pobre menina” que não sabia como é perigoso parar para escutar um lobo). Apoiando-se nessa visão da infância, o autor teria identificado a mentalidade popular à mentalidade infantil, ambas pouco desenvolvidas – a primeira, devido à condição social; a segunda, à idade – e é considerado um dos criadores da literatura infantil.³ O principal acréscimo introduzido em sua narrativa concerne ao chapeuzinho vermelho usado pela menina com tanta frequência, que passa a nomeá-la.

Mais de cem anos após a publicação de Perrault, começam a surgir na Alemanha, em 1812, as adaptações de contos populares feitas pelos irmãos Grimm, filólogos e folcloristas que se preocuparam em fixar as narrativas orais de seu país. Se compararmos a versão alemã de *Chapeuzinho Vermelho* com a francesa, encontraremos várias diferenças, dentre as quais ressalto as seguintes: a menina não é “a mais linda”, mas “pequena e meiga”; entregando à filha um bolo e uma garrafa de vinho para serem levados à avó (e não o potinho de manteiga, como em Perrault), a mãe de Chapeuzinho Vermelho lhe dá inúmeras lições de bom comportamento, inexistentes na versão francesa; ao chegar à casa da avó, a menina não se deita na cama com o lobo

³ A esse respeito, remeto o leitor para os trabalhos de Philippe Ariès, *História social da criança e da família*, e de Marc Soriano, *Contes de Perrault: culture savante et traditions populaires*.

(tampouco é convidada a fazê-lo); no diálogo com o animal, ela não menciona as pernas do lobo; o desenlace não é trágico, como na versão francesa, mas feliz, com a intervenção providencial de um caçador, que salva Chapeuzinho e sua avó; o lobo morre, e a menina promete nunca mais desobedecer à mãe. Os Grimm publicaram também um outro conto, que relata uma nova visita de Chapeuzinho Vermelho à avó: chegando à floresta, mais um lobo tenta desviá-la do caminho, mas ela não lhe dá atenção, pois, de fato, aprendera a lição; já na casa da avó, as duas armam um plano para destruir o animal. Observemos que a versão dos irmãos Grimm, bem menos elaborada que a de Perrault, incorpora à narrativa lições explícitas a serem transmitidas às crianças, além de atenuar as cenas mais “eróticas” do conto francês. Tudo isso em nome de um ideal de criança, inocente, cuja “pureza”, “ingenuidade” e “fragilidade” devem ser preservadas (lembramos que a moral de Perrault é fora da história e comumente não aparece nas traduções do conto no Brasil).

A partir dessas duas adaptações clássicas, *Chapeuzinho Vermelho* recebeu, nos mais diversos países, inúmeras traduções e adaptações. Numa pesquisa anterior, em que considerei quarenta dessas traduções, publicadas no Brasil de 1953 a 1998, cheguei a levantar as seguintes insistências nos textos traduzidos ou adaptados: omissão de partes da narrativa, sobretudo de cenas que envolvem a maldade do lobo, bem como o convite que faz à menina para se deitar com ele, além da morte da avó e de Chapeuzinho; acréscimo de informações as mais variadas (muita ação, diálogos e descrições extras, intensificação da afetividade, através do uso de diminutivos e adjetivos – clichês de linguagem); ênfase no tom moralizador.⁴

Posteriormente, como já foi dito, analisei algumas recriações de *Chapeuzinho Vermelho*, destinadas ou não às crianças, a saber: *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)”, de Guimarães Rosa, e a peça “Nova velha história”, de Antunes Filho. Dialogando com proposições lacanianas sobre os registros do Simbólico, do Imaginário e do Real, intentei abordar a especial relação que essas recriações mantêm com o Real, tendo em vista especificidades temporais e culturais. Surpreenderam-me, igualmente, as conclusões desse estudo, pois, nele, pude perceber que as produções que trazem um nível mais radical de invenção (e que são capazes de tocar em fragmentos de Real, no fora de sentido) não são inicialmente endereçadas às crianças, como é o caso do conto de Guimarães Rosa e da peça de Antunes Filho.

⁴ Cf. PERES, 2000, p. 186-187.

Mas, lidando ainda com *Chapeuzinho Vermelho*, o objetivo deste trabalho, insisto, foi verificar como vem se apresentando o antigo conto em suportes tecnológicos atuais. Para a escolha do *corpus* da investigação, utilizei um site de procura da internet e lojas virtuais, onde adquiri três CDs, dois CD-ROMs, uma fita VHS e um DVD. De início, destaco que as imagens dos CD-ROMs se fazem acompanhar de um texto escrito. O *e-book*, por sua vez, foi baixado gratuitamente de um site especializado. Busquei ter acesso, pois, àquele material que mais facilmente chega às mãos dos interessados, sejam eles crianças ou adultos, numa facilidade que o mundo contemporâneo, com sua tecnologia avançada, pôs à nossa disposição. A análise dessas oito novas versões do “velho” conto continuou me surpreendendo, e é um apanhado do trabalho que apresento a seguir.

Das oito versões, cinco (apresentadas em dois CDs, dois CD-ROMs e no DVD) não indicam se se trata de adaptação de Perrault ou dos irmãos Grimm, mas o final feliz presente em todas elas aproxima-as, de alguma maneira, da versão alemã. Duas afirmam ser originárias de Perrault (fita VHS e *e-book*). Destas, uma, a do *e-book*, mistura elementos do conto francês e do alemão: o começo é de Perrault, e o final é dos Grimm; a outra, aproxima-se apenas do conto dos Grimm.

Considerando que a história é apresentada em suportes tecnológicos inovadores, e já que não se mantêm intactos os enredos clássicos de Perrault e Grimm, era de se esperar que houvesse também uma reinvenção da trama do relato, mas essa expectativa acabou não se confirmando. É bem verdade que algumas inovações puderam ser percebidas, e são elas que destaco inicialmente.

Em certas versões, por exemplo, ao encontrar-se com Chapeuzinho na floresta, o lobo apresenta-se à menina disfarçado, fato inexistente nos contos originais, sendo que ele se disfarça de viajante, de lobo vegetariano ou declara ser médico e chamar-se Dr. Vilas Lobo (isso em CDs). Já num CD-ROM, o lobo, escondido no meio de folhagens, afirma ser o Anjo da Floresta. Na fita de VHS, sua primeira aparição acontece atrás de uma árvore; semi-escondido, tem uma pele de cordeiro sobre os ombros. Logo a seguir, vemos o animal fantasiado de lenhador e, mais tarde, de velho, com barbas brancas. Já na fita de DVD, ele se fantasia de borboleta, e tem jeito de bebê, na imagem.

Vários desses disfarces do lobo visam a algum tipo de adequação ao mundo contemporâneo e também à tentativa de introdução do humor nas histórias. O CD cuja história é narrada por Lilia Cabral, atriz da Rede Globo de Televisão, é o que mais enfatiza esses aspectos. Nele, o lobo é roqueiro,

“metaleiro”, usa gírias com frequência (“Pintava no pedaço”; “Cheguei, macacada”; “E aí, gata, está a fim de curtir um som da pesada?” etc). Diz-se que ele tem uma longa cabeleira oxigenada e veste uma camiseta onde se lê: “Fera radical”. Usa também jaqueta de couro, pulseira em todas as patas, brincos nas orelhas, no nariz e no rabo, bem como óculos escuros espelhados. Toca guitarra e tem um *walkman* “martelando rock pauleira a todo volume”. Ao ser indagado por Chapeuzinho sobre sua voz, afirma, mais no final da história: “Minha voz continua a mesma, mas os meus cabelos...”, remetendo-nos a uma antiga propaganda de xampu apresentada na televisão. Quando é ameaçado pelos lenhadores, o animal pede-lhes que não sejam violentos, “pois tem criança no recinto”. Ainda nesse CD, encontramos, igualmente, um apelo à ecologia: a avó, vegetariana, havia se mudado para o campo em razão da poluição das cidades grandes.

Mais uma inovação encontrada nas versões analisadas é a tentativa de contextualização da história, com a intromissão de motivos brasileiros. Por exemplo, em algumas delas, Chapeuzinho leva à avó biscoitos de polvilho, compota, pão de queijo. Em outra, um bem-te-vi, que é o narrador, bem como os caçadores que aparecem no final têm sotaque do interior paulista ou mineiro, apresentando-se em cena com música caipira ao fundo. Em determinada versão, quando a Chapeuzinho desaparece porque foi comida pelo animal, a mãe acredita que a filha foi seqüestrada. Uma outra novidade presente na história narrada pela atriz global acontece quando, após se afirmar que a menina não seguiu os conselhos da mãe, acrescenta-se: “Não é só porque era esquecida, mas se fizesse tudo certinho, não haveria história para ser contada.”

Outras inovações, estas dos CD-ROMs, são os jogos interativos que acompanham a história, dos mais variados tipos: quebra-cabeça; jogo da memória; cruzadinha; jogo dos 5 erros etc. É importante ressaltar que o CD-ROM da Coleção Disquinho apresenta um acabamento muito superior aos demais, e a voz de Chapeuzinho é mesmo de uma criança; menos artificial, portanto. Apesar dessas novas propostas, a trama do conto nas diversas versões mantém-se apoiada, insisto, em Grimm, ainda que a referência ao nome dos folcloristas alemães seja suprimida.

Se os eixos norteadores da trama permanecem inalterados, curiosamente há o reforço de alguns itens já presentes nas adaptações clássicas, além de determinados acréscimos, ambos não exatamente inventivos. Senão, vejamos.

A idealização que marca os contos tradicionais (menina linda, meiga, inocente; floresta repleta de flores e borboletas etc) é sublinhada nas versões

contemporâneas. Estereótipos povoam as histórias, em textos e imagens. Por exemplo, insistentes e irritantes pios de passarinho são, com frequência, o fundo “musical” nos CDs e CD-ROMs. Chapeuzinho continua a ser descrita como “uma linda menina”, e mais: “de olhos muito azuis, pele clarinha e faces coradas”. Por vezes, canções ao fundo louvam a beleza da mata na primavera, alertando ao mesmo tempo para seus perigos, sobretudo o representado pelo lobo mau. No CD-ROM da Coleção “Contos clássicos”, a imagem é animada: fica “tremelicando” e apresenta a menina abrindo e fechando os olhos, os passarinhos piando e fazendo ligeiros movimentos repetitivos. A página não se altera sozinha e, se não providenciamos logo sua mudança, a repetição estridente de sons beira o insuportável. A voz da menina é imbecilizada; os recursos são pobres, repetitivos. Nesses casos, a nova tecnologia não evitou, portanto, os estereótipos; ao contrário, só fez aguçá-los em alguns aspectos.

Na fita de VHS, as imagens do desenho animado são também altamente clichêizadas. A história é repleta de animaizinhos (apelo ao “infantil?”): há veadinhos, passarinhos, castores, além dos intermináveis (e inevitáveis, pelo visto) pios de passarinho como “música” de fundo. Uma cantiga fala em “criança adorável”, em “raio de sol [que] cintila no espelho”, na “beleza de menina [que] me faz feliz”, em “todo amor e carinho” etc.

Em outras versões, encontramos também muitos diminutivos, excesso de adjetivos, imagens de coraçõezinhos e demais recursos “melosos”. O apelo ao “infantil” aparece, igualmente, na referência a determinadas comidas e bebidas que costumam ser atraentes às crianças: doces, tortas, suco de maçã, bolo de chocolate, ketchup. A música do compositor João de Barro (Braguinha) é reproduzida na maioria das histórias: “Pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar estes doces para a vovozinha...”

Considerando que as adaptações de Perrault e Grimm já pressupõem ensinamentos diversos a serem assimilados pelo público infantil, note-se que as versões em suportes tecnológicos atuais, por sua vez, intensificam também esse aspecto. Um exemplo paradigmático pode ser encontrado na capa da fita de VHS, onde se lê: “Esta divertida aventura vai manter as crianças atentas na história e nas cativantes canções; aprendendo lições importantes sobre o respeito aos ensinamentos e a ajuda ao próximo”. Lições diversas perpassam, de fato, não apenas esta, mas várias outras versões da história, a saber: os conselhos e instruções da mãe são consideravelmente ampliados e detalhados; mesmo a menina não se furta a dar lições e prestar ajuda aos animaizinhos que encontra no caminho; o final, já bastante moralizador no texto dos Grimm, é normalmente realçado, com a introdução de lembretes

os mais variados às crianças. A preocupação em instruí-las aparece inclusive num dos jogos propostos em um CD-ROM, que visa a esclarecer a origem do cultivo de certos legumes e frutas.

Se nas versões contemporâneas o lobo ganha roupas novas, mais em sintonia com a moda atual adotada por alguns jovens, Chapeuzinho continua vestindo sua velha capinha vermelha e se comportando como a garotinha ingênua, inocente, aquela que “não tem maldade alguma no coração”. Normalmente, a menina acredita piamente em todos os disfarces precários do lobo (até quando ele se fantasia de borboleta) e em todas as incongruências ditas por ele. Com frequência, a voz da garota, reproduzida artificialmente por intérpretes adultos, é imbecilizada. Por vezes, também a ingenuidade da avó (“tolinha como ela só”) é reforçada.

Para dar ênfase aos ensinamentos morais, há sempre conversas e explicações sobre a vida familiar de Chapeuzinho (inclusive sobre o pai da garota), que só retardam a narrativa. Na maior parte do tempo, Chapeuzinho passeia pela floresta, ou conversa com o lobo, ou este conversa com a avó, ou ainda os lenhadores conversam entre si, e essas conversas chegam a ser exaustivamente longas.

Acontece, igualmente, muita ação, correria, brigas. Seria esse excesso mais um apelo ao “infantil”, partindo-se do pressuposto de que criança só suportaria história com muita, muita ação? Nas correrias intermináveis, há gritos e tentativas de humor, como já foi assinalado, mas frequentemente, de um “humor-pastelão”.

Ao lado desses acréscimos, encontramos também omissões no que concerne às adaptações originais. Por exemplo, além de comumente o lobo deixar de ser mau para tornar-se supostamente cômico, não é raro a avó e/ou a menina não serem comidas por ele. Tudo isso para que não se apresentem enredos “pesados” às “débeis” criancinhas de hoje?

O que concluir desse breve apanhado?

Primeiramente, não podemos deixar de constatar que a persistência do conto *Chapeuzinho Vermelho* sinaliza para a sua perene atualidade. Considerado por muitos como a história mais popular do mundo, creio que ele continua a nos tocar precisamente por trazer, de forma tão escancarada, o Real: do sexo, do mal, da morte. Curiosamente, ainda que tocados, ao que tudo indica, por esse Real, os adaptadores contemporâneos tentam desconsiderá-lo, omitindo as cenas em que ele se insinua, como se às crianças o Real não fizesse questão.

Além disso, as alterações pouco inventivas efetuadas nos enredos clássicos e o reforço de tantos estereótipos evidenciam que as versões atuais, em sua grande maioria, mesmo apelando para novas tecnologias, pressupõem

uma criança ainda mais débil, inocente, ingênua e incapaz do que a dos séculos passados.

Note-se que adultos “zelosos” continuam se sentindo na obrigação de alertá-la contra os tantos “perigos” que a rodeiam, esquecendo-se, contudo, de um outro perigo: o de subestimar a infância, oferecendo-lhe justamente o que há de mais ultrapassado na velha história, que se reapresenta em cena de roupa nova, talhada segundo a moda de artifícios chamativos, mas superficiais e vazios.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

PERES, Ana Maria Clark. La traduction des contes des fées: l'enfant entre la tradition et l'avenir. In: BEEBY, Allison; ENSINGER, Doris; PRESAS, Marisa (Coord.). *Investigating translation: select papers from the 4th International Congress on Translation*, Barcelona, 1998. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 186-187.

PIFFAULT, Olivier (Dir.) *Il était une fois... les contes de fées*. Paris: Seuil/Bibliothèque nationale de France, 2001.

SORIANO, Marc. *Les contes de Perrault: culture savante et traditions populaires*. Paris: Gallimard, 1968.

Documentos eletrônicos

<<http://expositions.bnf.fr/contes/index.htm>>. Acesso em 30 de novembro de 2004.

CHAPEUZINHO Vermelho. Disponível em <http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/infantis/chapeuzinho_vermelho.htm>. Acesso em 05 de março de 2005.

CHAPEUZINHO Vermelho, Manaus, Sonpress, [s.d.], 1 CD, digital audio.

CHAPEUZINHO Vermelho, Manaus, Angels Recors, [s.d.]. 1 CD, digital audio (Eternos contos, 1).

CHAPEUZINHO Vermelho, [s.l.], Bandeirantes, Artes Gráficas e Editora Sesil, [s.d.]. 1 CD, digital audio. Acompanha livreto. (Contos clássicos).

CHAPEUZINHO Vermelho, [Manaus], Goodtimes, 1995. 1 fita de vídeo (45 minutos), VHS, son., color., dublado.

CHAPEUZINHO Vermelho, Manaus, [s.l.], Cooperdisc, [s.d.]. 1 DVD (30 min.), color., dublado. (Vídeo brinquedo).

LILIA Cabral conta Chapeuzinho Vermelho, Manaus, Sonopress, [s.d.]. 1 CD, digital audio. (Coleção infantil Olha quem está contando).

O CHAPEUZINHO Vermelho, Manaus, Warner Musica Brasil, 2003. 1 CD-ROM. Acompanha livreto. (Disquinho).

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a apresentação do antigo conto *Chapeuzinho Vermelho* em CD, CD-ROM, VHS, DVD e *e-book*.

Résumé

Il s'agit dans cette étude d'analyser la présentation de l'ancien récit *Le Petit Chaperon rouge* en CD, CD-ROM, VHS, DVD et *e-book*.